

**VOLUME 24**  
**VIAGEM A MINAS GERAIS - PRIMEIRA PARTE**  
**26/03 a 19/04 de 1881**

**INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II**

**26 de Março de 1881 (sábado)** — Partida da estação de S. Cristóvão às 6 h da manhã. Almoço na barra do Pirai. Retiram-se os Ministros Saraiva, Dantas e Homem de Melo assim como Martinho presidente do Rio <sup>001</sup> com quem conversara longamente. Observei bem a estrada na subida da Mantiqueira tendo passado por uma galeria atrás do trem.

Chegada à Barbacena às 4  $\frac{1}{4}$ .

Quiseram que eu viesse até casa <sup>002</sup> debaixo de pátio. Escusei-me por não ser a primeira vez que visito Barbacena. Segui devagar em carro.

Cuidam de encanar água para a cidade. Pouco pude informar-me até agora. Deputação de chefe de Polícia <sup>003</sup> e outros empregados vindos por parte do vice-presidente <sup>004</sup> que se desculpa com incômodo que o priva de montar a cavalo. Não sei quanto tempo ficaram esses empregados ausentes de seus lugares.

Ouvi em conversa que dava muito bem café em Itabira <sup>005</sup>. Recebi visita das 7 às 9. A Câmara Municipal convidou-me para assistir amanhã ao assentamento da pedra fundamental de uma penitenciária que deve ser, segundo a lei, do sistema de Filadélfia modificado. Não há plano nem orçamento.

**27 de março de 1881 (domingo)** — A noite foi muito fresca. Dormi bem.

7 h. Ida ao alto do Monte Mário onde se chegou às 7 h 35. Havia nuvens no horizonte, porém descobri a serra de S. José, Morro de S. João Del Rei, monte de Prados para o lado O. e do S. os serros de Ibitipoca, de cujo cimo disse-me Mr. Lepage que se descobrem com óculo as montanhas de Petrópolis <sup>006</sup>.

11 h. Missa conventual — Misericórdia. Não teve melhoramentos. Carece de água corrente em abundância. Pedra fundamental da penitenciária da província no antigo morro da força — que diferença de épocas! Discurso curto e bem feito do presidente da Câmara Dr. Sá Forte <sup>007</sup>.

Aulas de meninos onde vi como mestra a filha do Castro <sup>008</sup>, que tem plantação de vinha de que faz vinho, e de meninas cuja mestra é a mulher do Castro. A casa não é má. Não gostei em geral do adiantamento na instrução, sobretudo religiosa. Colégio do Dr. Abílio <sup>009</sup> (antigo Perseverança — agradou-me) e de D. Isabel de meninas ainda mais.

Câmara Municipal — o primeiro andar desagradou-me — o térreo foi limpamente arranjado para fórum. O secretário <sup>010</sup> não guarda com cuidado os padrões métricos. Deu-me informações menos exatas sobre os fundos de que pode dispor a câmara para o encanamento de água. Na praça da Câmara fizeram o jardim mas cuja grade de pau é feia por ora enquanto não crescerem as trepadeiras.

Cadeia muito ruim. Carcereiro inválido quase. Livros mal escriturados.

Laboratório Lepage. Tem novos preparados de plantas indígenas.

Escritório das obras da estrada de ferro <sup>011</sup>. Tudo muito em ordem. Pequeno observatório astronômico e meteorológico — espécie de mangrullo <sup>012</sup>.

Hipólito Aché indústria os empregados da estrada nas observações. Pedi uma informação do que se tem feito. O desenhista Mayschek, sobretudo em topografia, é habilíssimo.

Jantar às 5  $\frac{1}{2}$ . Recepção até 9.

Teatrinho muito ruim onde representou a família Escudero.

Tomei chá e deitei-me perto de meia-noite.

**28 de março de 1881 (2a fa)** — Partida à 6  $\frac{1}{4}$  por pequena demora das liteiras <sup>013</sup> e montaria. Comera alguma coisa às 5  $\frac{1}{2}$ . Cheguei à 1  $\frac{1}{2}$  ao sitio do Gentil <sup>014</sup> para cá do Carandaí. Fui pelo leito da estrada de ferro primeiro a cavalo e depois em besta. Caminho de trole. As nuvens formam cômodo chapéu de sol. Andei 36 km. A estrada parece ter sido mal estudada e mal feita que pude ver passando.

O viaduto da Boa Vista ao sair de Barbacena tem a cabeça do lado oposto e está rachado, segundo disse-me Ewbank <sup>015</sup>. Há aterros e consideráveis, onde podem ir o leito de nível, a pouca distância, exigindo a má direção revestimentos de

pedra dispendiosos. Aterros abatidos e um deles de tal forma que exige que o leito tome outra direção ao lado. Talvez alguns túneis houvessem poupado bastante despesa. Não me agradou o que vi embora Ewbank prevenisse às vezes meus reparos. Há muitíssimos cortes e alguns imensos só para suprimimento de terra.

Não observei nenhuma cultura. Plantas selvagens que vi no Paraná. Só na fazenda da Costa da Mina — lugar da estação de Ressaquinha — cuja casa de vivenda data mais de cem anos — é que descobri pequenos grupos de pinheiros como os do Paraná. O ponto mais elevado sobre o mar de toda a estrada de ferro do Rio a Macaúbas é o da Garganta da Porteira Caiada, que vai chamar-se, segundo indicação de Batista Caetano, Ibaté (1179m. — O túnel do Ouro Branco tem 1132m).

O Sr. Gentil tem na sala uma litografia do retrato de Afonso Celso <sup>016</sup>. Parece inteligente. É empresário da navegação do Jequitinhonha de Canavieiras a Pannels e de estrada de ferro ao largo das cachoeiras, continuando a navegação até Arassuaí. Sugeriu-se à vista do mapa que seria mais conveniente a estrada do Porto de Sta. Cruz na costa até Pannels, são mais 12 léguas ao todo 30 (18 aproveitando a navegação do baixo Jequitinhonha). Diz já ter formado uma comandita para 2400 contos (20 contos cada km. de bitola de metro). Disse-me que plantou aqui para gasto doméstico. O terreno nada dá no descampado. A 1 légua começa a mata até o Pomba. No que ainda tem capões produz os cereais da terra e excelentes batatas. Bom pasto para vacas de 14 garrafas por dia de excelente leite. O Gentil criou belos capados. O carneiro engorda muito e referiu-me que mandando vir um de longe morreu em caminho de cansaço por causa da gordura.

Depois de jantar dei um passeio até o alto do morro fronteiro onde a vista deste arraialzinho do Gentil e seus trabalhadores da empreitada de obras da estrada de ferro é bonitinha. O lugar chama-se Rincão por causa de dois riachos que se reúnem. Iluminação bem arranjada. Conversa com Ewbank que chamou minha atenção para o telégrafo provincial de Carandaí até Ouro Preto.

**29 de março de 1881 (terça feira)** — Dormi bem. Saída às 6 h.

7 h Carandaí na distância de 6 km. 2 ½ pelo leito da estrada de ferro. A povoação tem já bastantes casas e uma capelinha no morro. Vi passando duas boticas. Começa o meu caminho; mas agora muito transitável. Conversei em caminho com um Coimbra homem de boa cara que já tem por ano 50 crias muares, os jumentos e as éguas são da província. Deu-me diversas informações a respeito da criação. Vende mula de primeiro serviço a 70 ou 80\$000. O capim melado é o melhor pasto.

Alto das Taipas às 9 h. Bela vista para o lado de Barbacena do alto do Mandú para a esquerda aonde fui. À direita há um morro de cujo cimo descobre-se Barbacena. Antes de subir a serra das Taipas há bastantes árvores junto ao ribeirão desse nome. A fazenda foi do tio do Lima Duarte <sup>017</sup>. A estrada de ferro procura uma quebrada — para leste direita da serra das Taipas. Antes de chegar a esta ficam à esquerda águas do Rio Grande e por detrás de montanhas à direita as origens do Piranga afluente do Doce <sup>018</sup>. Antes de chegar à casa de Filipe (Engenho), vi um arrozal; há também milharais.

Às 11 ao montar soltou-se a mola do estribo e caí; pôs-se outro. O chapéu de sol embaraçou-se nos ramos de uma árvore, o cavalo algum tanto arisco empinou-se, porém pude segurar-me bem. Contudo passei para uma besta.

O engenho que deu lugar ao lugar *[sic]* fica a pouca distância, é ou era de um Pedro Tavares e de cana que dá bem nas encostas onde não cai geadas. A vista ao descer para o Filipe é muito bela. Descobre-se ao longe a serra do Ouro Branco. Esqueceu-me de dizer que o Coimbra referiu-me que só em mulas de cruzamento de jumento com égua vi algumas emprenhar; também poucas vezes o cavalo cobre a jumenta. Um jumento cobre 60 éguas durante alguns meses do ano.

Encontramos carros de 8 juntas de bois que vinham de Sto. Amaro e Ouro Preto. Cobra cada um de Barbacena a Ouro Preto de 80 a 120\$000. Gastam 7 a 8 dias. O sal depois da estrada de ferro tem baixado muito de preço.

Subiram-se bastante montes altos. O caminho para liteira é mesmo perigoso em poucos lugares. O ribeirão do inferno assim chamado por causa dos atoleiros pelos tropeiros está agora muito transitável.

Do Alto da Bandeirinha já se avistam casas de Queluz. Parou-se em alguns lugares por causa da liteira. O tempo das pequenas paradas e o do almoço andariam por menos de duas horas. O coronel Pereira <sup>019</sup> apontou-me suas terras do ribeirão do Inferno e Queluz. Possui outras fazendas que dão-lhe 50 crias de mulas e 100 de poldros ao ano. Antes de Queluz atravessa-se o ribeirão das bananeiras onde não vi nenhuma. Ouvi falar também do alto da Paraopeba de onde se goza de vista extensa e bela e da ponte deste rio que ainda não é navegável para canoas nessa altura. A várzea por onde serpeia o Bananeiras é bonita assim como a entrada em Queluz por um novo caminho que se fez seguindo o alto do morro. No fundo da cidade e fim de uma subida está a igreja de Sto. Antônio e no fundo alteia-se a serra do Ouro Branco coroada de nuvens douradas pelo sol que se punha do lado oposto. O aspecto da cidade é mais pitoresco que o de

Barbacena.

Descansei um pouco conversando com a família de Washington <sup>020</sup> filho do coronel Pereira, e sai para ver aulas que são duas — agradando-me a de meninos, cadeia bom edifício por acabar internamente; porém onde falta quase tudo, não tendo os soldados da polícia nem baionetas nem sabres-baionetas.

Câmara Municipal que se acabou de arranjar hoje — bonita fachada a que não corresponde o resto — puseram as armas do Brasil dentro do antigo escudo português que quiseram aproveitar — e voltei para casa.

Apareceu o violeiro — fazem-se aqui muitas violas — a que veio tinha caixa de pinho e braço de jacarandá, sendo os embutidos de cabiúna. O rapaz tocou bem viola e melhor violão também feito aqui. As ruas de Queluz não são de fácil trânsito sobretudo de noite. Antes de ouvir o violeiro houve o Te Deum na matriz <sup>021</sup>. Arranjaram-no sofrivelmente.

Na capela-mor há pinturas que talvez não sejam más, porém a falta de luz não me permitiu vê-las bem.

Conversei com a mulher do Washington Pereira filha de Luiz Antônio Barbosa <sup>022</sup>, que lembrou-me tê-la eu interrogado num colégio de Niterói.

Parece-me excelente senhora e muito inteligente.

Recolhi-me depois das 9.

**30 de março de 1881 (4a fa)** — Partida às 6 h. Carreiras — bonita posição de vasto horizonte para leste e sobretudo oeste.

Encosta a uma tranqueira estava uma linda rapariga [sic] com sua saia e camisa revelando formas elegantes. Dava-lhe muita graça o lenço branco de pontas pendentes atado na cabeça.

O caminho é bom porém muito montanhoso. Passam-se diversos ribeirões, havendo uma ponte solidamente construída, todas as águas do Paraopeba. Varginha.

Casa onde se reuniram os inconfidentes. Pertencia então a um pedreiro de nome João da Costa. Vi a mesa e banco corridos, de encosto onde se assentavam. São de Massaranduba e estão colocados na varanda <sup>023</sup>. Reparando que não houvessem conversado no interior da casa disse-me o dono dela que havia vedetas para avistá-los.

Atravessada a ponte do ribeirão da Varginha entra-se no município de Ouro Preto. Chegada à casa do Sperling <sup>024</sup> cuja mulher é sobrinha do Sepetiba (Aureliano) <sup>025</sup> perto do arraial de Ouro Branco às 10 h. Vieram encontrar-me a caminho Gorceix <sup>026</sup> e outros. Gorceix já está um verdadeiro mineiro e fala corretamente português.

Almoço onde conversei sobretudo com Gorceix <sup>027</sup> que já conhece as principais pessoas de Minas, e segui às 11. Chuva forte, segundo dissera Gorceix, consultando o seu aneróide, que traz como relógio, desde o arraial do Ouro Branco que é pequeno com sua igreja que não parece feia de fora até mesmo depois de galgada a serra, que tem belos pontos de vista. Gorceix ia-me mostrando as diversas rochas quase todas de xistos micáceos e cuja inclinação é N.N.O. Conversamos muito de geologia e mineralogia. A descida da serra do Ouro Branco é mais pitoresca do que a subida. Ao chegar ao cimo formava-se escura trovoada do lado da subida.

Aproximando-se do arraial do Itatiaia vi uma papuda. Monsenhor José Augusto <sup>028</sup> contou-me que na freguesia do Jacaré de que foi vigário até as crianças nasciam de papo <sup>029</sup>, que chamam pescoco — reparando em quem não tem pescoco. Também me disse que indo pregar, um raio matou-lhe a besta deixando desacordado e depois 8 dias sem poder articular palavra e com um sinal numa das fontes onde sentira como uma pancada o qual durou-lhe 2 anos.

A subida do Itatiaia com penhascos é muito pitoresca. O caminho para lá do alto também agradou-me bastante. Às 4 chegava a Falcão onde havia uma caleça onde entrei e troles. A descida para Ouro Preto parece a de Petrópolis. Vieram muitos cavaleiros a meu encontro e entre eles Pedro de Alcântara Feu, afilhado meu que batizei em 1840 ou 41, filho do Feu do 1º de cavalaria <sup>030</sup>.

Às 4 h 20' passava por defronte da casa de D. Felicidade <sup>031</sup> e às 5 ½ chegada a Ouro Preto cuja vista encantou-me. Apareceu-me na imaginação como Edimburgo. A estrada que margeia o ribeirão do Carmo que atravessa em parte uma espécie de túnel é lindíssima. A caleça custou-lhe a subir por estas ruas de aspecto tão original, e temia que se pisasse alguém pois havia imenso povo e cordialíssimo acolhimento. Enfim alcancei o alto do palácio, mas tive de apeiar-me e subir ainda um pouco. Aí encontrei vice-presidente e bispo <sup>032</sup>.

O palácio é de construção muito característica. Parece uma fortaleza e até tem guaritas. Defronte levanta-se a bela cadeia, cuja iluminação de copos de cores e luz elétrica logo que anoiteceu era lindíssima <sup>033</sup>.

Jantar.

Recebi algumas pessoas das 7 às 9 no belo salão do palácio que tem excelentes acomodações.

Recolhi-me às 9 e pouco li. Desde ontem que vejo Congonha do campo e colhi um ramo florido. Vi hoje a Canela de ema, planta que se acende a modo de vela.

**31 de março de 1881 (5a fa)** — Ontem houve fogo de artifício que não foi brilhante e soltaram um balão defronte do palácio.

Esta manhã tomei um bom banho frio num banheiro de pedra bem arranjado no fundo do palácio. Quis ler a inscrição mas só pude distinguir — Palmensis Comes 1812 <sup>034</sup>.

Cerca de 7 ½ saí. Dei uma volta pela cidade entrando nas igrejas — do Carmo de cujo interior gostei, havendo na sacristia um lavatório de pedra um pouco azulada cuja escultura revela talento <sup>035</sup>, e sobre a porta escultura do mesmo gênero que não me agradam tanto, — e da matriz cuja forma parece antes do teatro e onde conversei com o cura Sta. Ana <sup>036</sup> cuja fisionomia predisps-me em seu favor.

Do adro do Carmo a vista para o lado das cabeças é muito pitoresca. As ladeiras são íngremes e mal calçadas.

9 ½ Escola de Minas. Arco original com forma de martinete e instrumentos de mineiro. Gorceix deu sua lição durante uma hora fazendo 2 estudantes Luís Barbosa e Paulo reconhecer rochas que estavam sobre a mesa, mostrando ambos sobretudo muita aptidão. Percorri a escola que parece-me muito bem montada.

Às 10 ½ voltei para almoçar. Por causa da demora da segunda liteira só muito depois do meio dia estava na matriz para o Te Deum. A música não foi muito ruim. O cônego Ottoni <sup>037</sup> pregou bem embora metesse alguma literatura profana no sermão e parece-me ouvir-lhe falar dos carvalhos sob os quais balançavam-se os caboclos nas suas redes.

Daí fomos ao Rosário, que só se distingue por sua arquitetura externa. Corpo da igreja oval; Carmo onde disseram-me que o lavatório era obra do Aleijadinho e já com chuva de trovoada a S. Francisco de Assis cuja escultura do Santo em êxtase sobre a porta, púlpitos — principalmente o baixo-relevo da tempestade do lago de Tiberiades — e figuras do teto da capela-mor — tudo obra do Aleijadinho — são notáveis. O teto do corpo da igreja foi pintado pelo tenente-coronel Ataíde <sup>038</sup> amigo do Paula Cândido <sup>039</sup>. Não pensava que fosse capaz de tanto, pois a pintura revela bastante talento no grupamento das figuras. Referiram-me que Ataíde fora discípulo da Academia de Belas Artes <sup>040</sup>. De um dos lados da igreja descobre-se no vale a casa de Marília de Dirceu.

Fui depois à policia onde falta de estatística criminal e da legislação desde 1878. Há um telefone que se comunica com a cadeia e o palácio. Aí morou o Ouvidor Tomás Gonzaga e de uma das janelas vêem-se muito bem ao longe as da casa de Marília. Disseram-me que Gonzaga costumava passear até perto de uma igreja no alto de uma ladeira onde se deitava a contemplar a casa de Marília.

Enfim estive na casa da Câmara que é a melhor que tenho visto em minhas viagens. Reparei somente que não guardam com cuidado os padrões de pesos e medidas. Prometi dar uma bomba de incêndio à Municipalidade comprometendo-se o presidente Domingos Magalhães de organizar uma companhia de bombeiros. Nunca se pensou nisso.

Jantar às 5.

Conferência de Gorceix no salão da Assembléia, que ficou cheio. Gorceix expôs com talento as riquezas de Minas, sobretudo a do ferro, cuja quantidade calculou em 81 mil milhões de toneladas podendo a província tornar-se a fornecedora de aço ao resto do mundo se por meio de linhito de que se encontram vários depósitos em Minas se conseguir aceitar diretamente o seu ferro. Gostei de ouvir a exposição de idéias tão civilizadoras a 80 léguas do Rio de Janeiro de onde felizmente já começou a irradiar-me o progresso a todo o Brasil.

Recebi até 9. Conversei bastante com o velho Quintiliano <sup>041</sup> e o Juiz de Direito Guimarães <sup>042</sup> que não me deram informações satisfatórias do foro de Ouro Preto. A mãe do deputado Lemos <sup>043</sup> é uma senhora idosa de fisionomia distinta.

Li na cama os jornais do Rio até 29. Já deviam ter chegado os de 30 se o correio é diário como anunciaram e preveniu-me o Buarque <sup>044</sup>.

**1 de abril de 1881 (6a fa)** — 6 h banho. Leitura até 7. Visita à cadeia. Edifício bem construído, porém as prisões inferiores sobretudo uma de galês, verdadeira enxovia; não me agradaram. Livros em regra. Disse aos presos que mandassem suas petições à presidência. O chefe de polícia disse que um deles está preso inocentemente conforme a declaração de que existe certidão do culpado. Aula na cadeia, mas o ensino não é obrigatório. Os alunos são os mais morigerados e apenas 36, quando há mais de 300 <sup>045</sup>. Prisões que não hão de ficar às escuras fechadas as portas das janelas ou inabitáveis por ventania ou chuva que entrará pelas grades. Lembrei que pusessem vidraças.

9 — Lição de Bovet <sup>046</sup> sobre a mineração do ouro. Morro Velho perde 25% do ouro da mina, e Pari 40%. Foi muito

interessante a lição. Pedi-lhe notas para minha visita a Morro Velho.

Gorceix explicou-me a sua quase crença de que o diamante forma-se em veios onde há fluoretos dentro dos quartzitos. Mostrou-me pedras que parecem provar isto. Examinei as coleções de diamantes, ouro, ferro, linhito e grafite, escrevendo com um pedaço deste <sup>047</sup>. As provas agradaram-me sobretudo as de Augusto Barbosa da Silva que é o melhor estudante de matemática. Gorceix trabalhou com bateia <sup>048</sup> em cuja fica ouro que ele me mandará.

11 h  $\frac{1}{4}$ . Depois do almoço tornei a sair, mas a cavalo.

Liceu. Casa pequena. Os alunos interrogados agradaram-me.

Escola Normal. Casinha bonita. Não me desagradou. A professora pareceu-me inteligente. Aula primária mista casa acanhada. Não me agradou. Há outras aulas que não pude visitar, porque de uma, ao menos, os alunos retiraram-se à hora habitual.

Perto do Liceu está a Escola de Farmácia. Poderá ser boa somente pelos professores que são três — física e botânica — as duas químicas — matéria médica e terapêutica.

Tesourarias provincial — má casa — onde está também a biblioteca provincial que tem boas obras, porém em geral já antigas e faltando as periódicas em dia — e geral, antiga Casa dos Contos. Bem construída. Ai também está o correio mal acomodado. Vi o lugar da bala do revólver que disparou contra o gerente do Monte Socorro o tesoureiro comprometido por um desfalque de um conto, mas que havia roubado diversas associações. A tesouraria geral carece de alguns reparos e parte do edifício é muito úmida.

Fui ver a casa de Marília de Dirceu onde se conservam uma cadeira e o cabide na alcova em que dormia. Cortaram os pinheiros que havia no fundo da pequena chácara. A capela em ruínas junto à qual se reclinava Gonzaga para contemplar a casa de Marília tem a invocação das Dores. De uma janela do fundo desta casa descobre-se a casa da Ouvidoria. Assentei-me perto dela. Voltando entrei na Igreja matriz de Antônio Dias tem belas proporções internas.

Igreja de S. Francisco de Paula — Lindíssima vista do adro para a banda da cidade e da ladeira das cabeças. Creio que foi deste lugar que se pintou o quadro que possui <sup>049</sup>. Antes de ter ido lá visitei o quartel de polícia. Casa boa porém até os soldados dormem em casa de pessoas da família.

Hospital da Misericórdia. Pequeno, em parte mal situado, porém pareceu bem tratado. Jantar e recepção.

Entreguei 3 cartas de alforria a 3 mulheres por intermédio do monsenhor José Augusto e do cura Sta. Ana, e soube que a baronesa <sup>050</sup> que veio com a família alforriou seus escravos que têm servido na liteira da Imperatriz.

**2 de abril de 1881 (sábado)** — 6 h. Partida. Entrada na Igreja de Antônio Dias. Esculturas em pedra sobre a porta. A rua que aí conduz chama-se do Alvarenga. Bela vista para o lado da cidade ao aproximar-se do antigo Jardim Botânico. Lá fui. Abandonado. Belas jaboticabeiras. Ainda há pés de chá. Guardam na casa a pólvora — 20 barricas. O Estado vendeu por 5 contos a prazos esta propriedade tão aproveitável. Teria ficado talvez melhor aí que no Seramenha a Escola Agrícola.

Subida da serra que divide águas do rio Doce de águas do rio das Velhas. Alto da pedra de amolar. Vasta e bela vista. O caminho é todo muito pitoresco. Descobri ao longe o Rio das Velhas. Chafariz do tempo do governo de D. Rodrigo de Meneses 1722 creio eu <sup>051</sup>. Arraialzinho dos Taboães com ponte. 11 Cachoeira do Campo arraial de muitas casas. Almocei; fui orar à Igreja que tem dois altares laterais que muito me agradaram por seus labores de talha.

Visitei só a coudelaria <sup>052</sup>. Casa arrumadíssima. O arrendatário fulano Castro não quis responder-me claramente sobre a extensão das terras e as cabeças de gado por causa de pequena renda que paga e assim mesmo sem tê-lo feito pontualmente. A terra da coudelaria é só de meu usufruto mas a fazenda do buraco igualmente arrendada ao mesmo é minha propriedade. Pensarei em aproveitá-las para colonos.

Voltei à casa onde vi uma cadeira de forma antiga onde meu Pai se assentou e um Murta de 88 anos que lhe cuidava dos animais de viagem <sup>053</sup>. Entreguei as duas cartas de alforria dadas pelo dr. Fernandes Torres <sup>054</sup> a dois cônjuges ao marido estando ausente a mulher. O arrendatário das duas fazendas disse-me que cada alqueire já produziu 8 carros de mantimentos.

Fui ver as aulas de meninos e de meninas. Casas acanhadas. Naquela os alunos estavam ausentes, porém nesta achei meninas interrogando a uma e a professora irmã de um Modestino discípulo de preparatórios da Escola de Minas pareceu-me muito inteligente.

Partida às 1  $\frac{1}{2}$  e chegada à Casa Branca às 4. Caminho sempre belo. Vi bem a Serra de Capanema e sua garganta. Foi por aí que nasceu o barão de Capanema <sup>055</sup>. Orei na igreja.

Jantar. Concerto, leitura dos diários do Rio de 30 — última data.

Deitar às 9 h.

**3 de abril de 1881 (domingo)** – Missa dita pelo monsenhor pouco antes das 5 h. Partida às 6 h 20'. Manhã fresca, com belíssima, linda paisagem. Atravesso mato de capoeira. 7 ½. Ponte de Ana de Sá sobre o rio das Velhas pouco largo e raso com pedras. Alto do Peres. Pico de Itabira com suas duas pontas. Na ponte de Ana de Sá atirei um raminho no rio. Conversei quase todo o tempo com o Gorceix sobre geologia e geognosia. Chegada ao bonitinho arroio do Rio das Pedras com suas duas capelas e palmeiras às 9 h.

Almoço. Seguimos às 10. O caminho continua pitoresco e vi ainda ao longe do lado direito o vale de uma mina de S. Vicente cuja igreja avistara antes de chegar a Rio das Pedras <sup>056</sup>. Atravessaram-se diversos córregos até chegar às 2 ¼ ao pequeno arraial de Sto. Antônio <sup>057</sup> tendo observado pouco antes bonitas plantações de café todo carregado de fruto ainda verde, e de feijão. Atravessa-se uma ponte maior ao entrar no arraial de onde segui deixando atrás as liteiras às 2 ½. O caminho margeia o Rio das Velhas que já faz vista aí, e pode ser atravessado por canoas.

Sítio de D. Florisbela do lado oposto do rio muito bonito com suas altas macaúbas. O coco desta palmeira dá azeite fazendo-se da polpa sabão e das folhas excelentes cordas. Esse sítio parece uma ilha de verdura. Antes de Sto. Antônio vieram ao encontro dois empregados de Morro Velho. Na longa ponte de Sta. Rita que atravessa o rio estava o diretor de Morro Velho <sup>058</sup> e muita gente. Ia olhando distraído, diversas mulheres correram para mim e espantando-se o cavalo cai dele <sup>059</sup>. Não foi nada, montei noutro oferecido pelo diretor de Morro Velho e continuei a andar. Tomei à esquerda para a lavra de Assis Jardim <sup>060</sup>. Fui até o engenho 6 pilões, couros sobre que passa a água com o pé do minério, e bateias que agitadas circularmente pela mão fazem depositar o ouro que se lavou dos couros. A água que por eles passou vai depositar mais longe o pó do minério que ainda se aproveitar pelo mesmo processo. Tiram 4 a 6 oitavas de tonelada de minério. Por curiosidade trabalhei um pouco de bateia. Um filho de Jardim é o único que faz este trabalho. A mina segundo me disse Gorceix é a céu aberto com 300 metros de extensão e 1 ½ de largura. Ainda apanhei as liteiras pouco adiante da ponte de Sta. Rita. Vim conversando com o diretor de Morro Velho. Passei pelo arraial de Congonhas do Sabará <sup>061</sup> e cheguei à casa de residência do diretor ainda com bastante luz. A vista do alto de onde se desce para o arraial é muito bela. Muita gente reunida. Só de homens empregados pela companhia há 6.000 <sup>062</sup>.

Tomei um banho morno tendo antes visto da varanda o fogo de artifício; jantei às 7 1/5 e pouco depois deitei-me. Amanhã é que hei de colher informações sobre a mina. O diretor já me deu algumas. Contratou a iluminação pela eletricidade produzida na máquina Gramme. Diz que o recurso está a extinguir-se. Dá 6 a 8 oitavas por tonelada pilando por dia 250. Ao chegar vi ao lado do caminho um depósito de pó que já fora aproveitado, mas ainda contém ouro de talvez 120.000 toneladas.

**4 de abril de 1881 (2a fa.)** — Acordei às 5 ½. Banho frio. Vai começar a tarefa do dia. Antes do almoço às 11 ½ — Amalgamação — O ouro talvez não esteja todo puro sem combinação química que impeça em parte a liga com o mercúrio. O minério é quartzito de piritas, uma delas muito arsenical. Por isso, segundo alegaram deixaram de prosseguir num ensaio de hostulação *[sic]*. Tiram só de 3 a 4 oitavas em tonelada. As mesas sobre que corre a água com o pó são prismáticos triangulares. Depois de correr a água 15m viram-nas, e a face que despejar a água e sobre que houve o depósito, levam-na com uma manga de bomba, e essa água é que vai por a amalgamação, onde depois de misturada com metade quase de mercúrio é bem agitada na água, e a massa que fica espremida através de um saco de camurça para que saia o mercúrio livre. Forma-se um bolo que vai ao forno sublimando-se o mercúrio, que apesar de condensado depois perde-se quase na razão da metade. Pilões cento e tantos sistema ordinária, e duas mãos chamadas de elefante que fazem o trabalho de 25 pilões. Mesas de percussão em que a água com o pó se divide em três porções de diferente concentração. A água que escorre das mesas cai sobre uma espécie de bateia grande emborcada e sobre cuja parede fique pó com pouca água. O que não se aproveita vai para o que chamam praia. Como já disse retificando já há aí 150.000 toneladas onde o ouro acha-se quase na mesma proporção, porque há diversos motivos para que as águas de residuo cheguem à praia com a mesma ou quase a mesma condensação do princípio.

Gorceix tomou notas de tudo. A pedra vem da mina por trilhos e em vagonetes que são puxados pela força de uma turbina, atravessam pequenos túneis. Antes do minério ir para os pilões, elefante e arrastos que são como galgas onde são arrastados por cadeias grandes pedras, é quebrada numa máquina que trabalha com duas queixadas de ferro cuja força muscular elo da turbina. Olhei de cima do precipício os estragos da mina que se incendiou, diz o diretor que por malefício. Na volta para casa entrei na biblioteca. Possui boas obras inglesas sobretudo as de viagens modernas na América do Sul e

interior da África.

Saída de novo à 1 ½. Hospital está bem arranjado. As latrinas ficam inodoras pela queda de carvão ou terra produzida pelo movimento. Lançam-se depois longe e num buraco as matérias excrementícias.

Capela católica. É grande porém pouco cuidada.

Às 3 estava à boca da mina. Vesti-me como mineiro <sup>063</sup> com minha vela pregada com argila ao chapéu. Começou a descida no ascensor às 3 ½. Movimento muito suave. Muita água escorria das paredes do poço. Em um ¼ tocávamos o fundo a 457 metros. Há outro andar inferior que vi bem dos poços, estando o fundo bem alumiado com estopa queimada, velas, magnésio, etc. O diretor queixa-se de que o veio vai a terminar porém a qualidade e disposição das rochas parece indicar o contrário. Tem revestido o interior da mina com madeiras enormes e um deles ficou achatado em pouco tempo como um chapéu de pasta. De algum tempo começaram a não escavar tudo, conservando partes da rocha como pilares, o que parece ser mais razoável, embora não o tivesse feito para tirarem mais ouro. Demorei dentro da mina mais de 1 ½. Arreventaram minas que pareciam ruído de terremoto e agitavam o ar dentro de espessas paredes de pedra. A subida fez-se igualmente bem.

Antes das 6 já tomara eu banho morno. O diretor disse-me que os empregados e operários contribuem com 1\$000 por mês para acudir aos que não podem trabalhar. É grande partidário dos trabalhadores chins. Antes do banho fui com o diretor ver, posto que de longe, os 3 canos que formam um sifão conduzindo a água para movimento das máquinas. A água vem da serra do Curral. A extensão de todos os regos é de cerca de 9 léguas.

O jantar foi às 7 ¼ e depois conversamos até perto das 10. Noite belíssima.

O diretor mostrou lindos cristais de rocha achados na mina. Alguns contêm piritas que se irisam. O maior salário de empregado nos trabalhos da mina é de 15 ££ por mês. Trabalham dia e noite em três turmas que se revezam. As brocas são pagas por empreitadas e alguns abrem-nas 3 horas. A melhor madeira empregada é baraúna. Não vi a capela protestante. Há escola para os meninos filhos dos trabalhadores e empregados. Na botica do hospital aviam-se receita dos trabalhadores e empregados e de todos os que têm relações domésticas com eles.

**5 de abril de 1881 (3a fa)** — Banho, leve refeição e partida às 6 h. Conversei muito com o diretor de Morro Vermelho, até perto de Sabará. Segui primeiro o bom caminho que serve de passeio ao diretor e sua família, até pouco além de um dos 2 pontos de dinamite. Bela vista do lado da serra do Curral, avistando-se ao longe pontas da serra da Piedade. Garoa forte. 180 brocas — cada uma de 3 palmos de fundo e menos de polegada de diâmetro cheia de 1 a 3 cartuchos de dinamite dão a 2 toneladas de explosão de mina 360 toneladas de minério por dia. Escolhem pelo peso o minério. Os pilões etc. moem 250 por dia. Fazem a aparição do ouro de 9 em 9 dias e uma barra de ouro de 1600 oitavas é o resultado da do trabalho de 9 dias. Cada minério inglês dirige o trabalho de 13 a 15 brocadores. Não admitem trabalhadores — homens só — senão de 12 anos para cima. Tem 400 animais de carga sobretudo para condução de carvão que fazem da árvore candeia. A madeira vem do lado de Jaguarão e Caeté. Esqueci-me de dizer que a maior parte das mesas são fixas, e com couros como as vi no Assis Jardim, e de que assisti ontem a copulação que prova uma perda de ouro de 27% segundo disse o diretor.

Chegada ao Arraial Velho onde foi o antigo Sabará. Estavam aí o deputado Assis Martins <sup>064</sup> e outros. O Rio das Velhas já foi navegado por vapor pequeno desde pouco abaixo do Arraial Velho <sup>065</sup>. A chegada a Sabará é bonita. Entro na casa onde hospedou-se meu Pai às 9 ½. Pouco antes da cidade na margem oposta vê-se um sobrado onde nasceu o Paulo Barbosa <sup>066</sup>.

Almoço às 10 ½. Saí ao meio-dia. Licei com internato para poucos na casa que foi do barão de Curvelo <sup>067</sup>. O aluno de latim traduziu bem Tito-Lívio. Os de francês não têm má pronúncia. O de geometria desagradou-me assim como os de geografia. A casa não é boa. Quatro aulas duas de meninos e duas de meninas. Quase todas más casas. Só me agradou uma das aulas de meninas.

Visitei a Igreja do Carmo que nada tem de notável, e a casa onde nasceu o Sapucaí <sup>068</sup> e foi vendida ao desembargador José Lopes da Silva Viana. Tem jardim maltratado com um chafariz. Colhi um ramo de uma mangueira que dizem ter sido plantada pelo Sapucaí de caroço de manga trazida de Alagoas <sup>069</sup>. A vista para ambos lados — serra do Curral e da Piedade que vi alumiada pelo sol uma parte penhascosa são bonitas.

Hospital da Misericórdia. Mal situado. Estava limpo. Na sala do consistório estão os retratos do fundador do vínculo da Jaguara <sup>070</sup> de onde provém a renda do hospital do finado barão de Sabará <sup>071</sup> que tem excelente fisionomia e de mais dois padre benfeitores. Esperam aumentar a renda com o resto da liquidação do vínculo. Pensam em fundar casa para Lázaros,

mas lembrei que era melhor empregar o dinheiro no hospital geral e que no Rio de Janeiro havia muito lugar para lázaros. Tenho visto muitos papos também aqui. O diretor do Morro Velho disse-me que a mulher só de beber água num lugar começou a criar papo <sup>072</sup> operando-se dele na Inglaterra, do que lhe ficou apenas pequena cicatriz.

Jantar às 5 ½.

Te Deum no Carmo. Ruim música. O vigário irmão do cônego Roussin pregou bem. Depois recebi. As ruas têm ladeiras e são calçadas de pedras que espetam os pés.

**6 de abril de 1881 (4a fa)** — Acordei às 5 h. 6 h ¼. Começo a navegar o rio das Velhas <sup>073</sup> 1 braça de fundo de areia.

6 h 35' Capela arruinada de Sto. Antônio da Roça Grande <sup>074</sup>. Margens com mais ou menos árvores formando muita vezes mato espesso. O patrão Antônio Moreira disse que tinha ido à barra do rio das Velhas em um mês por causa da demora de 8 dias para conserto da barca. O rio começa a baixar em abril e a encher de 7bro [setembro] por diante. De Maquiné para baixo há pedras. Até lá areia. De Sabará ao córrego do Malheiro

1 h ¾ percorrido em 1 h ¼ — 8 h 20'. Fazenda do finado barão de Sabará na margem esquerda. 8 h 40' Antônio do Bosque; alarga bastante o rio — 9 h Temperatura — da água 19° ¾ — do ar 20° — 9 h ½ José Correia margem esquerda. Bonito lugar. O rio é bastante largo de 150 m talvez. 9 h 50' Bicas. Tem-se visto algumas plantações de milho e muitas macaúbas. — 10 h. Temperatura da água 25° — do ar 21° ¾. A 1m de profundidade 21°. 10 h. Avista-se a igreja de Sta. Luzia à margem direita no alto de uma montanha <sup>075</sup>. O rio tem sempre apresentado quase que o mesmo fundo e de areia. Há bastante espriados e vi gado vindo das margens até quase metade do rio, que é menos largo que o Jacuí. 11 h 5'. Vê-se a ponte.

Chegamos às 11 ¼. Almoço e pouco depois conversei com o dr. Modestino Franco <sup>076</sup> que julga que a estrada de ferro deve ir até a foz do Paraúna.

Partida às 12 ½. 1 h 5'. Lugar das estacas resto de trabalhos de mineração. Vamos devagar porque o barco pode bater. Ficar perto do lugar chamado Carreira-Comprida.

1 h 25'. Defronte casa da fazenda da Carreira-Comprida <sup>077</sup>.

1 ½ acabou a estacada.

2 h 12'. Ponta de areia que se adianta da margem esquerda no lugar Taquaras

2 h 4'. Passou-se a ilha das Taquaras que tem seu comprimento.

2 ¾. Margem direita fazenda de Joaquim Moreira das pedras. O rio é aqui bastante fundo.

3 h 5' Ribeirão da Mata. 3 h. Muitas macaúbas (acrocomia selerocarpa) <sup>078</sup> Mat. St. Hilaire — Voyages dans les provinces de Rio etc., 1<sup>ère</sup> partie vol. 2 pág. 377.

3 h 35'. Passamos por defronte da casa do engenho de cana do major Frederico Dolabella, Encerra-bodes, irmão do dr. Modestino de Sta. Luzia.

4 h. Avista-se a serra da Piedade do lado para onde o rio corre.

4 h 26'. Fazenda Pinhões — de cana na margem direita. As canas têm aparecido bonitas. Pedimos algumas que nos atiraram para bordo.

5 h. Grande montanha onde se vê uma que se me afigura parede de pedra calcária na margem esquerda. Mais de perto parece-me rocha xistosa.

5 h 10'. Rio Vermelho à direita. Já avistei a casa do estabelecimento que é grande. Grande volta Sarilho na margem esquerda que serviu para embarque de madeira.

5 ½ — Chegada ao porto de Macaúbas.

6 ½. Fui ver a igreja — nada tem de notável — colégio 32 meninas cujas respostas satisfizeram, tocando duas piano a 4 mãos e sendo as escritas bonitas como as dos colégios das irmãs de Caridade — e recolhimento 39 recolhidos — que é extenso. A renda para tudo é de 11 contos. O diretor padre Lana <sup>079</sup>, mineiro pagou 40 contos da dívida. Tem um pequeno engenho de cana que não trabalha. Não possui escravos. Permitiu a edificação de casas de vivenda de que os moradores só têm usufruto. Talvez devessem dividir as terras e vende-las {em lotes onde se cultivaria a cana que o engenho reduziria a açúcar.

Deitei-me às 9 pouco depois do jantar.

**7 de abril de 1881 (5a fa)** — Acordei às 5. Chegaram ontem diários do Rio e 3. Saída às 5 ¾ até o embarque. Passagem do rio na barca. Partida a cavalo da margem oposta à 6 h 20'. Bom e lindo caminho. A vista de um alto descobre

largo horizonte: Serra do Curral, pico de Itabira <sup>080</sup>; Serra da Piedade. Vim me informando de diversas árvores. O chapadão parece pelo solo e arvoredo o de S. Francisco saindo de Piranhas.

Pequi fruto de caroço espinhoso que deve comer-se com cuidado para não ferir a boca e a língua. Barbatimão que contém muito taininho; Pau-terra casca adstringente boa para a diarreia; Bolsa-de-pastor de casca boa para hidropsia. Depois a lobeira de linda flor, e apanharam-se 2 araticuns num só ramo. Há-os maiores.

Esquecia-me dizer que até o embarque conversei com o padre João Batista Caldeira que está ajudando o padre Lana muito doente de pericardite. Disse-me que o Instituto de Macaúbas tem 600 alqueires de terra. Num lugar chamado Retiro plantam cana, milho, etc. Vi outro padre Castro de guedelhas <sup>081</sup> pretas cuja fisionomia revela hipocrisia e mais um que esteve em Petrópolis e missiona.

Às 8 ½ avistei a Lagoa Santa do alto de um morro. Lembrei-me do lago de Nicefa, cujo aspecto é contudo mais pitoresco, ainda que mais risonho e da Lagoa. Já antes tinha descoberto uma parte desta.

Vieram pessoas a meu encontro e entre elas o dr. Inácio e o barão do Rio das Velhas <sup>082</sup> que muito se parece com o dr. Bonifácio de Abreu <sup>083</sup>. É irmão do deputado Fonseca Viana <sup>084</sup> que já morreu. Monsenhor José Augusto disse-me ter já visto 2 seriema perto de Queluz. Neste caminho aparecem muitas assim como emas, estas sobretudo do lado do Retiro de Macaúbas.

A Lagoa só não corre em meses de seca que são sobretudo os de julho e agosto. Atravessei o desaguadouro ao chegar ao povoado. As águas correm agora e vão ter ao rio das Velhas 4 ou 5 léguas abaixo de Macaúbas. A entrada da povoação foi por entre hastes e ramos de bananeiras, e outras plantas algumas floridas que produzem agradável efeito.

Almoço às 10 h. Saída às 11 h. Igreja — insignificante edificada a 80 anos. Casa do Lund. Percorri-a toda vendo o quarto onde ele morreu de uma constipação depois de bastante tempo de doente com mais de 80 anos. Falei com Nereu <sup>085</sup> que Lund protegeu desde menino, sendo o pai deste a quem pedi também informações leitor de português de Lund; e P. V. Röpstorff cand. fil. secretário dele desde 1876. Lund vinha em 1827 para a Ilha da Reunião por tísico em segundo grau; porém tendo de passagem melhorado de saúde no Rio de Janeiro, só tornou em 1830 à Dinamarca. Piorou de saúde e voltou em 1832 ao Brasil viajando até Goiás por Uberaba. Fixou-se na Lagoa Santa em 1834 de onde não saiu mais. Todos dizem ser lugar muito sadio havendo muitos centenários, um de 137 tendo morrido há pouco tempo conforme refere o barão do Rio das Velhas. Lund vivia muito retirado e quase que não lia nos seus últimos anos. Anteriormente gostava da companhia de senhoras e de música, cujos preceitos ensinou ao Nereu. Este foi seu herdeiro dos bens do Brasil, tendo deixado em Copenhague mais de 200 contos francos. Escrevia freqüentemente ao professor Reinhart, mas sua correspondência e todos os manuscritos foram remetidos para Copenhague. Nereu deu-me notas escritas a respeito de Lund e prometeu-me cópia do testamento de Lund em dinamarquês e de suas últimas disposições <sup>086</sup>. O jardim tem muitas plantas que Lund plantou e removeram para uma casinha que aí está a sua biblioteca. Não é pequena e compõem-se de obras importantes em anos atrasados sobretudo relativos às ciências que ele cultivava. Perguntei muito se tinha deixado filho ou criara alguma relação afetiva neste lugar. Responderam-me positivamente que não. Era de proceder castíssimo e muito esmoler. O pai de Nereu contou que lendo a Lund as Meditações do conselheiro Bastos <sup>087</sup> e chegando a uma passagem em que estava S. Gregório ele o mandara parar assim como noutra lugar que pareceu-me referir-se à doutrina religiosa. Parece que Lund só tinha a religião natural. Também o pai do Nereu lhe lera com muito prazer dele Paulo e Virgínia.

Duas escolas ambas em edificios acanhados tendo a de meninas 103! Agradou-me algum tanto a professora, contudo apesar de ser irmã do Cura as meninas não sabem explicar doutrina. Aproveitei a ocasião para repetir que a doutrina religiosa deve-se ensinar somente na casa paterna e na igreja ou templo quando se possa ensinar aí; o que não sucede ainda no Brasil.

São 2 vou navegar a lagoa. Dizem-me que há 3 anos nos meses de julho, agosto e setembro, sobretudo, e de 8 em 8 dias, às vezes sentiam-se estrondos e abalos da terra, às vezes só com intervalo de 8' — os estrondos que pareciam partir de N.E. e se ouviam em Lagoa Santa e mais longe, e os abalos no lugar da Quinta do Sumidouro e em sentido horizontal batendo as vidraças e quebrando-se garrafas. A lagoa tem em alguns lugares bastante fundo, e referem que para o lado do Sul surde uma mina que dá água à lagoa de que não há notícia que não existisse. Não pude ver a edificação que está no fundo da lagoa para o lado do povoado porque há bastante água agora e o céu não estava claro. Na volta do passeio da lagoa que é muito piscosa <sup>088</sup>, não pegando contudo peixe nos anzóis durante as paradas do barco mandei que se dirigissem para a banda do escoamento que não pude ver por causa do juncal. Dizem ter ¾ de légua de comprimento.

Chegada à casa às 4. O Nereu deu-me em casa do Lund apontamentos que devem ser exatos. Logo que cheguei à

Lagoa Santa recebi carta de Gorceix dando-me informações sobre o que tenho de ver amanhã e depois.

Descanso até o jantar às 6 h, porém mesmo deitado pensarei e escrevo a respeito da viagem. O barão do Rio das Velhas acha fácil a navegação de Macaúbas para baixo e contudo nesse trecho é que há as corredeiras onde Liaís correu risco. Da foz do Paraúna para baixo ninguém aponta dificuldades e dizem todos que o terreno às margens do rio é fácil para o leito da estrada de ferro. Assim não me pareceu do rio, nem de Macaúbas até Lagoa Santa; verei na volta para Sabará quanto se pode julgar andando pela estrada ordinária.

O tempo tem estado quente desde a descida de Ouro Preto para a bacia do S. Francisco à exceção das primeiras horas da navegação do Rio das Velhas. Ouvi ainda sobre Lund que no momento de ir-lhe ler os diários o pai do Nereu achou sobre a mesa diversos óculos <sup>089</sup>. Perguntou a Lund para que estavam aí e respondendo-lhe este que talvez precisasse de algum para ler-lhe o que verificou logo pelo clarear das letras dos diários encheram-se-lhe os olhos de lágrimas ou por gratidão ou pelo desgosto da fraqueza da vista. O mesmo pai do Nereu avisou Lund de que um criado deste de nome Toulon de nacionalidade francesa o furtava, Lund não quis acreditar; mas por fim declarou que com efeito via-se obrigado a despedir o Toulon, que lhe furtara talvez 5 contos. Lund constituiu a Nereu uma pensão vitalícia com sobrevivência de 60\$000 mensais à mulher que principiou a gozar ainda na vida daquele e deixou-lhe no testamento o que possuía no Brasil: dinheiro e duas casas na Lagoa Santa.

Depois do jantar conversei. Veio Nereu com seu violão sendo acompanhado pela irmã e mulher. Ele toca com seu gosto e a irmã tem voz agradável e bem afinada. A mulher também cantou agradavelmente o lundum mineiro — quero me casar, quero me casar.

Amanhã tenho de partir para a lapa da Aldeia às 5 h da madrugada. Vou tomar chá e dormir. São 9 h.

**8 de abril de 1881 (6a fa)** — 5 h. Saída para a gruta da Aldeia. Chapadão de bela vista de madrugada. Engenho Fidalgo <sup>090</sup>; Lapinha pequena, povoação onde se explora uma gruta e bem situada; Poção engenho de cana; Mocambo id. uma das 5 do vínculo de Jaguará <sup>091</sup>. O caminho tinha sido preparado e estava bom. Quase sempre havia mais ou menos sombra antes de Mocambo e depois ainda; pois o caminho atravessava capoeiras mais ou menos espessas. Passa-se junto ou pouco longe de 5 ou 6 depósitos de água das chuvas que disse-me meu guia Antônio Fonseca Viana <sup>092</sup> secam depressa.

Cheguei à gruta às 11. Bonito mato a precede. Desce-se até defronte do rochedo de calcário pouco cristalino entremeado de finas camadas de areia. A parte fronteira semelha um magnífico arco ou pórtico, com púlpito externo e um buraco parecendo uma rosaca. Raízes ou trepadeiras que parecem cordas pendem dessa fachada de igreja gótica, e insinuam-se por entre as falhas da rocha. Estes cipós estão cheios de sal que sobre eles deposita a água, creio que nitrato de potassa, porque ele abunda no interior destas grutas onde o apanham. À direita fica a entrada da gruta que cobre uma espécie de chapéu de chaminé. Belos estalactites na primeira sala semelhando uma imensa juba e outros bambinelas; passagem reptante para a segunda sala que é grande. Há uma parte nesta onde o teto tem cor esverdeada originada por protococos. Sobre a sala grande há um andar e penso que também outro inferior. Gorceix mandou abrir um buraco no fundo da sala grande, porém nada encontrou senão a entrada provável do andar inferior. Na noite passada já tinha um pequeno osso que eu trouxe.

Estive na gruta 2 horas tendo almoçado antes fora dela debaixo das árvores. A água era salitrosa. Encontrei aí um Manuel Simão dos Reis que disse-me como Lund em companhia encontrara o esqueleto na gruta da Escrevania. Simão tirava salitre e depois de achar os dedos dos pés e o resto do esqueleto procurando mais dera com o crânio. A camada de salitre é relativamente moderna.

2 h 10'. Volta de certa altura seguiu-se outro caminho pelo lado do Sumidouro que vi ao longe à direita assim como a Quinta do mesmo nome num desbarrancado.

Chegada às 8 h 20'. Comi alguma coisa. São perto de 10 h.

**9 de abril de 1881 (sábado)** — 6 h. Partimos para Sta. Luzia. Esqueceu-me falar de algodoais bonitos que vi. Do junco que cresce às margens a Lagoa Nova fazem diversas obras em que comerciam. Nereu mandou-me as obras de Lund que pôs a parte em sua livraria. Hei de levá-las para mandar traduzir as que tratam de fósseis enviando cópia ao Gorceix.

Dois dos repórteres <sup>093</sup> foram ver as grutas mais próximas, porém penso que as acharam cheias de água.

Gorceix voltou à Lagoa Santa às 10 da noite.

É preciso subir escada para entrar na gruta da varanda de onde extraem salitre com a terra de que ele viu separar

nitrito por meio da água em coadouro. O barão do Rio das Velhas ao sair da casa onde pousa caiu da escada de pedra de grande altura. Feriu bastante a testa <sup>094</sup> e contundiu fortemente o olho esquerdo. Tem vomitado. Fui vê-lo antes de sair.

O caminho é por chapadão descendo-se todavia para passar o ribeirão da Mata, e o Córrego Sujo <sup>095</sup> e outros poucos lugares até a grande descida para a ponte de Sta. Luzia. Desse alto onde Gorceix mostrou massas anfibólicas a vista é belíssima, descobrindo-se ao longe a cidade de Sta. [Luzia] sobre uma montanha. Aí cheguei às 10 ½. Almoço.

12 h. Igreja matriz, as duas aulas em salas estreitas agradando-me somente a de meninos <sup>096</sup>.

Câmara e cadeia de alçapão na mesma casa ruim. Padrões métricos mal conservados. Soldados de espingarda mas sem baioneta nem sabre.

Misericórdia em mesquinha casa fundada pela baronesa de Sta. Luzia com apólices que o marido deixou por testamento <sup>097</sup>.

Fiquei em excelente casa que foi dos barões de Sta. Luzia <sup>098</sup> e agora pertence à filha do segundo barão <sup>099</sup> casada com o deputado Frederico de Almeida. Recebeu-me o tio desembargador aposentado Antônio Roberto de Almeida sua mulher e família. O dr. Modestino é filho do segundo barão.

Sai às 2 pouco conversando com Roberto de Almeida, Modestino presidente da Câmara e João Alves tio de José Alves dos Santos <sup>100</sup> que vi em Mogi Mirim. A renda da Câmara é de menos de 2 contos por ano! João Alves disse-me que o melhor é levar a estrada de ferro até a barra do Rio das Velhas.

Gorceix disse-me em caminho que 50 litros de milho compram-se de 2 a 4\$000 quando as estradas estão más e que em Arassuaí 80 litros vendem-se por 800 réis. Tenho notado a grande diferença entre a forma do solo e vegetação das duas margens. A esquerda dos chapadões e árvores pequenas e a direita muito acidentada e com árvores grandes e de muito maior viço. O caminho até descer para Sabará tem aspectos belíssimos de um lado até às serras do lado do Serro e Diamantina e de outros a serra da Piedade com seu morro recortado de itabirito como o Donner Kugel que se vê das montanhas que dominam o lago Hallstatt e a serra do Curral avistando a povoação de Curral Del Rei <sup>101</sup>.

A cidade de Sta. Luzia avista-se até menos de 2 léguas do Sabará. A trovoada e diversas mangas de água do lado da Serra do Curral, destacando-se do grosso das nuvens fiapos destas, com formas extravagantes e os raios de sol dando às montanhas, por entre as nuvens, cores variadíssimas, tornavam a paisagem encantadora.

Ao descer para Sabará começou a cair chuva. O sol transformava num monte de ouro o da capela creio que do Bom Jesus. Desabou por fim uma trovoada de água açoutada fortemente pelo vento. Cheguei molhado como um pinto à casa do coronel Jacinto <sup>102</sup> pouco antes das 6 h.

Recebi cartas de Saraiva e de Dantas ambas do dia 3.

Jantar. Vou daqui a pouco a um teatrinho particular. Veio um fulano Viana <sup>103</sup> da parte do diretor do Morro Velho para acompanhar-me à mina de Cuiabá da mesma companhia.

O professor primário de Sabará tem também aula noturna percebendo 25\$000 de gratificação por mês <sup>104</sup>.

Ontem à noite quando eu voltava para a Lagoa Santa fuzilava do lado do sul, de onde veio igualmente a trovoada desta tarde. No caminho de Sta. Luzia para cá vimos granito alterado. Na margem oposta do rio das Velhas segundo Gorceix não se observa granito. Nos terrenos de granitóides ou grés decompostos crescem as maiores e mais viçosas árvores.

A Imperatriz disse-me ter-lhe falado uma francesa que parece ser Mme. Foulon que se fez de conhecida por ter pertencido à companhia dramática francesa que representou no S. Januário.

O teatrinho não é feio e muito melhor que o de Barbacena. Representaram duas peças de 2 e 1 ato e sofrivelmente para curiosos. Faltam 25 para a meia-noite.

**10 de abril de 1881 (domingo)** — 4 ½ Acordei. Vou ouvir missa no oratório da casa <sup>105</sup> e sair às 6 h.

Fui à casa onde morava habitualmente Mons. José Augusto. Pertence-lhe assim como outras ao pé. Queria mostrar uma imagem da Sra. das Dores de seu oratório. É grande porém nada tem de notável. Na sala retratos de Saldanha Marinho <sup>106</sup>, bispo do Ceará hoje arcebispo da Bahia <sup>107</sup>, Ferreira Lages <sup>108</sup>, marquês de Barbacena, Gordon e creio que mais outros, rede para a sesta.

Segui para a matriz. A mais bonita igreja internamente que tenho visto. Duas galerias laterais com arcos a que correspondem os altares. Coro elegante. Obra de talha dourada de bom gosto. Quadros na sacristia de que o melhor é o da ressurreição. Penso que são os que St. Hilaire elogia <sup>109</sup>.

Continuei para Cuiabá. Atravessam-se os rios Gaia e Cuiabá onde não há ponte e com a cheia serão intransitáveis. No caminho o Comendador Viana mandado pelo Morrison disse-me que pedras de calçada ao sair de Sabará tinham 75% de

ferro, que uma mina de ouro perto desse ponto consumiu 1.000 contos a uma companhia sem proveito e que havia pés de café de 100 anos, dando até 70 a 80 barris de vinho um vinhedo da casa de um italiano porque passamos, tem uva branca e preta muito boas.

Às 8 pequeno arraial quase abandonado de Pompeu onde houve mina de ouro.

8  $\frac{3}{4}$ . Cuiabá onde me esperava Morrison.

Almoço. Pouco antes das 10 fui ver a turbina de queda de água de 50 pés correndo 350 pés cúbicos por minuto com a força de 55 cavalos que comprime o ar que move as brocas do túnel. Passei pelos pilões sistema antigo. A mina dá por hora 2  $\frac{1}{2}$  oitavas ou menos por tonelada. O sistema é o antigo. Está assentando 20 pilões de novo sistema. Entrei no túnel a que falta ainda 200 a 300 br. até chegar ao veieiro, tendo já 400 br. de comprimento e boa largura e altura. Vi trabalhar duas brocas. Podem trabalhar 4. Fura cada uma polegada por minuto ou pouco mais de minuto, 250 pancadas por minuto. Num mês abrem-se 13 a 15 braças de túnel. A pedra do túnel é xistosa. O chão do túnel fica a 45 metros se não me engano, inferior ao alto da montanha. O veieiro corre N.O. S.E.

Às 11 segui viagem. Há logo grande subida. Bela vista, terreno muito montanhoso. Despediu-se Morrison. Vista da serra da Piedade com o cimo dentado. Cobriam-no em parte as nuvens. Bastante calor que ameaçava chuva sendo indicio de tempo incerto e nublamento do cimo da Piedade.

Encontro de caetenses. Conversei largamente com o coronel Agostinho Santos casado com uma irmã do finado dr. João Pinto Moreira <sup>110</sup> sobrinho do visconde de Caeté <sup>111</sup>.

Esta região é mineira e criadora. Não vejo agora o capim gordura, (Tristigios glutinosa — antes — Melinis minutiflora) que abundava no terreno que atravessei para ir à gruta da Aldeia.

Na volta para Sabará à tarde descobri o pico de Itabira. Viu-se por fim em parte a matriz de Caeté numa depressão do terreno e descendo aí cheguei às 2 h 6'. Vi no alto da serra da Piedade a capela e indicaram-me em posição inferior o asilo fundado pelo vigário de Caeté Domingos José Evangelista de quem o Coronel Santos diz muito bem assim como do Juiz Municipal Melo de Pernambuco. O coronel tem 2 filhos no Seminário de Mariana Carlindo de tal Santos e Santos de tal Santos <sup>112</sup>.

Às 3  $\frac{1}{4}$  Matriz. É grande e elegante externa e internamente. Duas colunas que sustentam o coro e as pias são de serpentina das circunvizinhanças segundo ouvi Gorceix.

Aulas de meninos regida por professora casada e de meninas. Casas muito acanhadas. Agradou-me mais a de meninas.

A casa da Câmara é decente. Os padrões não se guardam aí! Cadeia em parte de alçapão, porém melhor que a de Sta. Luzia. Livros escritos irregularmente e falta o dos termos de visita. Guardas com clavina. O serviço da polícia na província é muito mal feito.

Gorceix disse-me ter trazido pedras de sua excursão quando o deixei em Sabará. Logo que cheguei a Caeté falei com o vigário aposentado Jacinto. Homem muito inteligente e dado às boas letras. Pregou aqui por ocasião de minha coroação e recebeu meu Pai.

Tomei um banho morno e às 6  $\frac{1}{2}$  jantarei. Tenho me esquecido de dizer que me falam de mangabeiras desde que deixei Sabará, porém ainda não vi nenhuma. Já exportam da província borracha da mangabeira segundo ouvi o monsenhor.

Vi bons papos também aqui e o vigário tem princípio dele. Aparecem sobretudo em gente de cor talvez pela comida <sup>113</sup>.

Em Cuiabá mina que estava abandonada recomeçaram os trabalhos que visitei só há 3 anos. Visitaram-me 3 das asiladas da serra da Piedade com a diretora. São 39 pobres e 10 que pagam alguma coisa.

Também falei a Lott e não Lothis e a outro sócio português. Disse-me que o Descoberto dá pouco ouro por ora. Lott está no Brasil desde 1835 e é casado com brasileira <sup>114</sup>.

O vigário aposentado deu-me a cópia da memória de uma décima em português e em latim do senador Gomide <sup>115</sup>.

Estava com muito sono e custou-me a chegar às 9 h.

**11 de abril de 1881 (2a fa)** — 5 h Acordei. Tomei banho frio na banheira. Ontem li St. Hilaire as pinturas que ele elogia da Matriz do Sabará são do coro e não as da sacristia que aliás pareceram-me melhores. O vigário do Caeté ontem ao jantar disse que uma tia dele tinha sido amiga da Irmã Germana milagrosa de que fala St. Hilaire <sup>116</sup>. O vigário apesar de inteligente parece-me crendeiro.

Às 6 h parto para o Caraça. O vigário dá-me cópia da inscrição da Matriz. Lenda do vigário Henrique Pereira que a ela se refere e vem publicada no almanaque mineiro <sup>117</sup>. Em Caeté há um chafariz de pedra de 1800. A capela do alto da serra

da Piedade não foi feita por esforços do Vigário mas sim há mais de século.

Ao sair da cidade de Caeté apreciei a vista que é bonita. Casa do barão de Catas-altas João Batista Coutinho <sup>118</sup> duas vezes cunhado de S. João Marcos por suas mulheres <sup>119</sup>. Dono do Gongo-soco que talvez desse 300.000 contos de ouro. Era pródigo atirando moedas ao povo.

Belo mato. Lavra abandonada de Luís Soares <sup>120</sup> marido de Barbara Horta Barbosa irmã mais velha de D. Antônia <sup>121</sup>. Mulher caçadora de veados e que se vestiu de militar para fingir que prendia o oficial legalista André Saturnino da Costa Pereira em nome de José Feliciano <sup>122</sup>. Ai também ia o Barbacena <sup>123</sup> e monsenhor José Augusto que me contou histórias da Irmã Germana <sup>124</sup> nascida na Roça Nova e que depois da morte seu diretor espiritual o padre José Gonçalves recolheu-se a Macaúbas. Ai a visitou Mons. com o bispo Viçoso <sup>125</sup>. José Augusto trocou seu traje de padre com o de outrem e a irmã Germana só deixou a rigidez cataléptica ao contato das mãos de José Augusto, não recebendo o mesmo com o vestido de padre. Referiu-me casos de aparente adivinhação de uma afilhada sua muito nervosa, que vive em S. João Del Rei curada com banhos de mar. Ficou de me apresentar, assim como dar o parecer do Dr. Gomide sobre a Irmã Germana que era tida por santa, o que fez com que o povo se fizesse levantar contra Gomide por causa do parecer.

Edifícios estragados do Gongo-soco. Lugar curioso por causa das escavações antes de chegar àqueles e à Casa Grande que julgo ter sido a do engenho do Gongo-soco. Caminhos sobre a ganga terra argilosa misturada com itabirito — que é composta de quartzo, óxidos de ferro e de manganês e às vezes argila branca indicio de ser aurífera. A jacutinga é a itabirite friável.

Antes do lugar de Luís Soares passei por junto da casa João Soares do Pari. Há nesta casa bonitos trabalhos de junco formando os tetos dos aposentos <sup>126</sup> segundo o monsenhor

Na conversa com Gorceix aprendi bastante que ele reputa os quartzitos com outro de grãos diminutíssimos em sua massa de formação mais antiga que os de grãos grossos tendo-se o ouro depositado na massa dos primeiros quartzitos — ou itabirito — por dessulfurização produzida pelo calor podendo a causa de termo ser substituída pela distância da origem do calor. Hei de ler o trabalho de Pessis — *Les soulevements au Brésil* <sup>127</sup> — publicado nas Memórias de Ciências <sup>128</sup>. Gorceix também explicou-me porque não havia árvores frondosas em terreno de salitre; o terreno é aí pouco permeável às raízes. Cheguei ao lindo campo onde serpeia o ribeirão do Socorro que vai desaguar engrossando no Piracicaba afluente do Doce. Tenho visto bastante capim-gordura.

Parei aí no lugar chamado ilha porque o rodeiam o ribeirão e um riacho afluente dele.

Queria ver o sistema primitivo de separar o ferro do minério. Botam carvão, acendem-no em uma espécie de buraco de fogão de alvenaria e depois camadas alternadas de jacutinga e carvão até encherem o vão. Depois de 4 h tiram a lapa de ferro separando com martelo e borra. O ventilador é de água que também o monjolo martinete que bate o ferro e serve de laminador por esse modo. Disse-me o neto de um fulano Marques <sup>129</sup> dono agora do estabelecimento que separa até 12 arrobas de ferro por dia.

Gorceix disse-me que se vende nas circunstâncias de 2 a 3\$000 por tonelada e no Ouro Preto por 12. O carvão também chega a 40 e tantos mil réis no Ouro Preto por tonelada, custando 12, se não me esqueço perto dos lugares onde o fazem em covas ou caieiras ou medas (meules) preferindo o primeiro sistema para o sistema primitivo. A ganga por sua porosidade é preferida para os fornos catalães. A forja que visitei pareceu-me a de Tubalkain.

Custou-me a apanhar a liteira apesar de trotar bastante. Diversos cavaleiros entre eles Afonso Pena <sup>130</sup> vieram a meu encontro. A caravana entrou reunida de novo em S. João do Morro Grande pouco depois de 11 ½. A igreja é pelo risco da de Caeté. St. Hilaire teve razão de falar dela <sup>131</sup>.

Almocei e falei a diversas pessoas, às filhas de um irmão do barão de Catas-altas e viúva de outro irmão João Alves de Sousa Coutinho que com ela casou aos 80 anos e procurou-me em S. Cristóvão com um pedido de comenda tendo sido da Guarda de Honra e acompanhado meu Pai nesta província; do barão de Cocais <sup>132</sup> casado com uma prima, a viúva mãe do Modesto da Aninha; o juiz municipal de Sta. Bárbara de Salvador Albuquerque do Pau Amarelo [*sic*]; um representante da mina de Cocais que não dá agora nem 3% de ouro em tonelada; a Câmara Municipal de Sta. Bárbara e outras pessoas.

Em caminho depois de sair de Caeté conversei com o engenheiro da mina do Descoberto, cujo nome soou-me como Geech. Diz ele que espera que a mina renderá muito. Pareceu-me inteligente. Esteve empregado em diversas minas do Oriente. Julgo ter-lhe ouvido que estão abrindo túnel para encontrarem o Veiro.

Partida de S. João à 1 ½. O caminho margeia o rio. Ponte da barra do Caeté perto de onde se encontram os rios S. João continuação do Socorro, e outro que vem do lado do Caeté. Depois margeia-se o rio de Brumado. Escavações curiosas de explorações antigas de ouro. A povoação do Brumado tem suas casas, sendo a principal a que pertenceu a Sebastião

Pena avô do deputado. Aí parou meu Pai. Disse-me o deputado que havia na casa bonitas pinturas. Pouco adiante despediu-se ele depois de dizer-me que a principal indústria atual destas várzeas é a criação de muares.

No município de Sta. Bárbara o número de crias anual é de 2 a 3000. Avistam-se elevadas e pitorescas montanhas de formas pouco comuns de rocha mas que não contem ferro. Desde que se começa a subir a serra do Caraça cresce a beleza da paisagem, e do alto descobre-se vastíssimo horizonte e depois uma das mais belas cascatas que eu conheço que forma lençóis e tanque e corre depois em fundo vale estreitado pelas montanhas de que já falei. Nunca admirei lugar mais grandiosamente pitoresco do que este. O caminho passa por cima da cascata que parece sumir-se de repente <sup>133</sup>. Continuei como anteriormente por dentro da mata e por cima de pedras. Felizmente o belo luar sempre deixa ver um pouco o lugar por onde se anda mesmo debaixo das árvores, e num lugar de grandes lagos, perigoso para liteira alumiaava a lua com todo o seu esplendor. O cruzeiro fulgurava em nossa frente e à esquerda Vênus faiscava quase sobre a montanha. Não posso descrever tanta beleza. Por fim dobrando uma ponta do morro aparece de repente o edifício do Caraça iluminado e de que descem pela encosta duas longas filas de luzes. Altíssimos rochedos em anfiteatro formavam o fundo do quadro. Era belíssimo, mas a lua e as estrelas elevam-me os olhos a maior altura.

Apeei-me e subi com as filas das luzes. Passei pela capela que constroem, e cuja arquitetura agradou-me <sup>134</sup>. Tomei meu meio-banho, depois de conversar um pouco com o Superior Clavelin <sup>135</sup> e diversos professores, sobretudo com o nascido em Constantinopla de família grega <sup>136</sup>. Jantar às 7 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>. Depois informei-me dos estudos com o superior. Tenho muito que fazer amanhã. Vi no caminho muitas flores e árvores de madeira de lei como tatajuba e óleo vermelho.

**12 de abril de 1881 (terça-feira)** — Acordei às 6 h. Fui tomar banho no rio. De volta admirei as montanhas por detrás da casa entre as quais a chamada Carapuça.

Esqueci-me de falar ontem da bonita aldeola do Sumidouro antes de subir a serra. As casas pequenas com seus quintais floridos estavam caiadas de novo, e tudo respirava alegria. O nome de Caraca provém ou da forma de caraça de uma das montanhas ou de um português que morou perto da serra a que davam a alcunha de Caraca. Assim ouvi ao padre Clavelin. Referiu-me ele que se supunha que Fr. Lourenço, terceiro de S. Francisco, e fundador do Caraça pertencia à família Távora e por isso fugira para o Brasil. O capitão-general de Minas Bernardo José Lorena tratava-o com muita estima e deixou-lhe sua baixela. Acharam o testamento de Fr. Lourenço que parece desmentir a lenda dos Távoras. Fr. Lourenço comprou a primeira terra a faiscadores, doou-a a D. João 6º que mandou vir Fr. Leandro e Viçoso a quem deu a terra com o princípio de edificação da capela que se constrói no lugar da antiga construída por Fr. Lourenço. 6 janelas de cada lado — que fizera Fr. Lourenço. Depois houve uma licença de meu pai para adquirirem mais terra e enfim há pelo menos uma que possui a congregação sob nome de outrem. Respondi a Clavelin que era preciso regularizar a situação. Todo o terreno forma quase um círculo de 1 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> de diâmetro.

Na saleta onde escrevo há bons livros pertencentes ao padre Clavelin, ou padre Sipolis <sup>137</sup>, alguns de história natural.

São quase 8 h e vou para a missa que disse Clavelin no refeitório anterior ao atual. A casa tem um pequeno pátio com algumas flores, fonte e feto arborecente. Estive na biblioteca onde achei bons livros e edições antigas chamando minha atenção a da Crônica de Eusébio de 1483. Veneza, impressor Arnoldt Augustensis. Há aí uma pequena coleção de minerais quase todos de Minas. Altura do Caraça sobre o nível do mar 1300m pelo hipsômetros de Gorceix. Aqui dizem que são 1600. O maior frio foi já de + 4º C e o calor de 23 a 25.

Depois fui para as aulas. Comecei pela de direito canônico. Tive necessidade de protestar contra o modo porque o professor Chanavaz combatia o direito do placet. Depois ele estranhou que um monarca católico protestasse contra a doutrina e eu tive de dizer que talvez fosse mais católico do que ele e era tolerante quando ele se mostrava intolerante. Expliquei sempre ao padre Clavelin que parece-me excelente pessoa como eu ressaltava o direito unicamente contra abusos de autoridade eclesiástica que não deviam ficar dependentes da única apreciação daquela <sup>138</sup>. Assisti a todas as classes onde gostei em geral do modo porque os estudantes respondiam. Desagradando-me as de álgebra e aritmética. Os professores a meu pedido chamavam os mais adiantados. O filho do Peixoto de Sousa de Caeté não traduziu e regeu mal Justinus.

Enquanto jantavam fui ver a oficina do padre Boa Vida <sup>139</sup>, que está fora missionando. Admirei aí o seu trabalho de órgão. A madeira preta das teclas é belíssima. Visitei outras partes do estabelecimento. As interrogações nas classes terminaram às 4 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>.

Jantar. Subida ao pequeno morro de pedra do Calvário de onde a vista era belíssima sobretudo do lado da montanha da Carapuça com matizes róseos e violáceos do pôr do sol. Olhei bem para todas as montanhas que cercam o edifício.

Ontem mostraram-me o pau de jacarandá a que se arrimava o Irmão Lourenço e não Fr. quando St. Hilaire o viu aqui. Fui depois por um caramanchão onde está o chamado Quiosque até a represa de água em que se espelhava a lua. A noite está belíssima. O edifício para maior largueza dos alunos carece ainda de bastantes obras. Tem gasto já bastante com a igreja que ficará muito elegante. Vi muito bem feitos capitéis e socos de pedra daqui por três canteiros sob a direção de um mestre sendo um daqueles Joaquim Martins português, e os outros fulanos Vidal espanhóis.

Avistei do Calvário a horta viçosa tem bois para carroto e 300 para corte. Compram o milho agora a 1 a 2\$000 o alqueire mas já chegou a 4, e o feijão a 7 ou 8 o saco. O carroto é necessariamente caro.

Voltei de meu passeio por dentro da cozinha, que não é má menos o fogão que não é econômico.

Visitei a farmácia dirigida por um padre. Tem pequena enfermaria perto de cada dormitório e quartos para doentes graves. O médico Dr. Figueiredo vem de 15 em 15 dias quando não seja chamado para qualquer caso extraordinário e grave. O lugar passa por muito *[sic]*.

As chuvas vêm do lado do N.O. Logo há serão literário. Chegou hoje correio do Rio com diários até 8.

Reuniram-se os professores e os estudantes na Capela que se constrói iluminada com velas em lustres de papel. O espetáculo era muito belo. Dirigiram-se discursos em francês Clavelin; latim e grego o grego de Constantinopla, professor de história e geografia; hebraico o padre Lacoste <sup>140</sup>, espanhol um empregado da casa ex-oficial de cavalaria espanhol <sup>141</sup>, inglês o professor de inglês <sup>142</sup>, português o desta língua <sup>143</sup>; e italiano um estudante Tertuliano Ribeiro de Almeida que pronunciou tão mal como o de inglês <sup>144</sup>. Cantaram uns versos franceses antes de oferecerem um ramo com os versos acompanhados de flores pintadas pelo professor de desenho à Imperatriz. Tocou a banda dos alunos que é sofrível.

São mais de 9 h e vou deitar-me, que saio amanhã logo que clarear.

Ia me esquecendo dizer que na volta da represa vi araucárias, e disse Clavelin que no tempo de visita de meu Pai ainda existia uma alameda delas plantadas pelo irmão Lourenço.

**13 de abril de 1881 (4a fa)** — Desci a pé a ladeira íngreme e mal calçada às 5 h 20'. Montei a cavalo às 5 ½. A cascata e a vista belíssimas. Tomei à direita. Chácara da congregação onde há vinha — bebi do vinho ontem — não me agradou — onde mora o irmão Freitas da congregação. Foi ele que dirigiu a abertura deste novo caminho. No tempo de meu Pai passava mais à direita e por um lugar chamado Varanda de Pilatos. No estabelecimento também mora um antigo professor Manuel Ferreira que ensinou latim igualmente em Congonhas <sup>145</sup>. Foram discípulos deles o Lima Duarte, e Afonso Pena. Vim conversando com ele sobre latim pouco depois de sairmos ambos de S. João de Morro Grande. Chegada a Cata-altas às 9 ½. Freguesia de bastantes casas, bonita igreja, cujas torres têm remate um pouco extravagante e muito bem situada com a pitoresca serra do Caraça defronte para o ocidente, a qual torneáramos. Também se vêem desse lado as escavações da mina de jacutinga aurífera de Pitangui, cujos trabalhos começaram por uma companhia inglesa.

Almoço de meia hora.

Ao partir entreguei diversas cartas de liberdade concedidas pelo inglês diretor da mina de Cocais de que falei em Caeté.

Segui. Arraia *[sic]* de Água quente pequeno. Atravessou-se mato depois de uma volta que se deu por um tabuleiro todo de canga para evitar parte do caminho ordinariamente trilhado que é muito mau para liteira. A canga desta região segundo Gorceix tem talvez 20m de espessura, que riqueza de ferro! Arraial do Inficionado depois de margear o ribeirão do mesmo nome. Assim chamado por causa de bexigas que aí houve, ou de cobre de sua mineração que venderam com o ouro por este metal dizendo-o por isso inficionado <sup>146</sup>. Para chegar ao arraial que é grande e tem 3 igrejas atravessa-se uma ponte comprida.

Encontramos correio, e soube aí da morte do Taunay velho o que muito senti <sup>147</sup>.

Sta. Rita Durão nasceu no Inficionado. Indagando da casa de seu nascimento só um velho Lúcio Ottoni disse da janela que já tínhamos passado pela casa na entrada do arraial, à direita, e para dentro. Achei melhor não voltar para procurá-la.

A serra do Caraça produz bela vista do Inficionado.

Arraial de Bento Rodrigues pequeno mas com igreja. Tenho passado desde Catas-altas diversos ribeirões ou riachos que vão ter por fim a Sta. Bárbara e aumentar as águas do rio Doce.

Arraia *[sic]* de Camargos bem situado com igreja. Sempre se tem visto a serra do Caraça. Pouco adiante vieram ao encontro cavaleiros entre os quais o Gentil, Carlos de Assis Figuero <sup>148</sup> e seu sogro, e o diretor da companhia da mina da passagem Patridge <sup>149</sup> com sua mulher, que eu conhecia do Rio. Enfim passamos por perto dos trabalhos da mina do Morro de Sta. Ana — avultava a grande roda de água com o luar — e depois encontraram-se os carros e troles que já tardavam. O caminho não é mau agora que não tem chovido foi muito reparado, porém há ladeiras íngremes e com pedras

por onde não podiam passar os carros.

Perto das 8 entrada na cidade de Mariana. Bonitas iluminações; boas casas. Subiram-se ladeiras íngremes e às 8 era eu recebido pelo bispo <sup>150</sup> no seu palácio, que é grande. Por falta de acordo esperaram com as trevas até minha chegada, contudo eu falara com o Bispo de modo a começarem-nas às 5 mesmo que eu não estivesse. Despedindo-se o Bispo de mim afim de eu poder descansar julguei-me dispensado de assistir às trevas <sup>151</sup>.

Irei às de amanhã e de 6a. fa., o que não faço no Rio.

Jantei perto das 9.

**14 de abril de 1881 (5a fa.)** — Acordei às 5 ½. Depois do Arraial do Camargo, avistei na encosta de uma montanha à direita a casa que pareceu-me grande da fazenda do tesoureiro do barão de Camargos <sup>152</sup>, e pés de chá.

Ao sair de Catas-altas disse-me José Augusto que chegava o Dr. Manuel José Rebelo Horta que foi presidente da província. Tinham-me dito em Catas-altas que estava doente. Senti não vê-lo.

Não tem aparecido carneiros e com razão diz St. Hilaire que “les paturages des montagnes de Minas Gerais conviennent parfaitement aux bêtes à laine” <sup>153</sup>. St. Hilaire diz que há mais espécies vegetais na Serra da Caraça que na da Piedade por ser aquela mais úmida. Na Caraça não dão as plantas tropicais. No alto da serra da Piedade St. Hilaire viu o morangueiro e ceraisto comum (*Cerastium vulgatum*) e o mouron dos pássaros (*stellaria media*) plantas européias. Perto de Ouro Fino há uma árvore que dá uma espécie de cortiça. A mesma reflexão de St. Hilaire já fiz eu. Em 20 léguas tinha visto 2 cidades e 5 aldeias ou arraiais (*villages*). Ontem na distância de 9 léguas vi uma cidade (Mariana) e 5 arraiais. Todos os povoados revelam mais ou menos decadência. St Hilaire diz: En peu d’années un petit nombre d’hommes auront ravagé (pela mineração) une immense province et ils pourront dire: He terra acabada!! Contudo essas minas abandonadas são de novo trabalhadas pela indústria melhorada pela ciência e disseram-me em Caeté que a vida reaparece. Sempre lembrando que St. Hilaire pg. 190 tomo 1 parte 1ª. Siga a estrada de ferro, deite estes ramais, naveguem-se os rios onde se achem desimpedidos de pedras, sobretudo, e a província de Minas será uma das mais ricas do Brasil.

Apesar do bispo dizer que a missa começaria às 10 por pedido do mesmo aguardei aviso e só começou às 11 e terminou às 3. Estive já vendo papelada dos ministros.

Jantar às 4 e às 5 ½ na Igreja, porém aproveitarei ainda estes minutos.

St. Hilaire diz que comeu em Sta. Quitéria na casa do coronel Antônio Tomás de Figueiredo Neves <sup>154</sup> excelente pão feito de trigo colhido a algumas léguas de distância. O mesmo autor lembra que Caraça poderá vir do tupi cãaraçaba = desfiladeiro. Ele foi de Sta. Bárbara à ermida de N. Sra. Mãe dos homens de Caraça. A descrição lembra o atual edificio, que foi aumentado para os lados, e no fundo em parte, edificando-se nova capela em lugar da antiga, no mesmo lugar. Ainda há a capela com as reliquias. Não existem os passos da Paixão. Refere que o irmão Lourenço esteve antes na Serra da Piedade. Ce veillard etc. pg. 222 do tomo 1º primeira parte — pag. 223. Je contemplais ce veillard etc. bela pintura melhor que o retrato a óleo de que já falei. Creio que subiu a montanha por onde eu lá fui de Caeté. Não poder eu como ele — pg. 225 — Je reviens à l’ermitage etc. Em Catas-altas vi muita fruta ao almoço. Havia bastantes cambucás. St. Hilaire diz que para lá de Bento-Rodrigues é que se principia a ver a serra do Caraça — ele ia de Mariana para Catas-altas mas creio tê-la avistado em parte mesmo para cá de Bento-Rodrigues vindo para Mariana. Fala de fontes de água quente que tinham existido em Água quente, mas Gorceix não as achou segundo me disse. Suas reflexões sobre a cultura extensiva são justíssimas. Que não se tem procurado fazer depois das medidas de Gomes Freire de Andrade a bem das florestas! Não cesso de lembrar a urgência de acudir-lhes. O Bispo mandou tarde aviso.

Cheguei à matriz às 6 h ¾. Lava-pés do Bispo. Pregou o cônego Bernardino Brandão, de Campanha. Sermão ordinário. Por lembrança do Bispo fui antes das trevas em companhia dele à Igreja de S. Francisco onde havia exposição do Sacramento. Más calçadas, porém a iluminação produzia belo luar. Lindo luar.

Voltei à matriz para as trevas.

Cheguei à casa às 11 h 20’.

**15 de abril de 1881 (6a fa)** — Acordei às 5 ½. Ontem depois de chegar a casa de noite recebi carta de Gorceix com Comptes-rendus etc. Diz-me que o engenheiro Boutan <sup>155</sup> e dos reconhecimentos para o canal de Panamá chegará domingo ou 2ª fa. a Ouro Preto.

Vi processos e papéis até há pouco (quase 9). Tem chovido, mas não em abundância. Vou almoçar.

Ontem às 8 confessei-me a monsenhor Joaquim Silvério Pimenta <sup>156</sup> e comunguei na capela do Palácio episcopal onde

estive e que tem sacramento. Pouco depois das 10 h começou o ofício de hoje e terminou pouco antes das 2. Não tenho gostado do modo porque cantam aqui p. e. a Paixão. As lamentações das trevas de ontem foram lamentáveis, tom sem caráter triste e muito aborrecido, pior foi o das lições dos noturnos. Houve adoração da cruz fora do presbitério para todos os homens que estavam na igreja. O pregador Corneliotto <sup>157</sup> agradeu-me. É padre de talento e instrução e houve momentos em que revelou muito sentimento.

Já assinei os decretos dos perdões e comutações e vou tomar meio-banho e ler até serem horas de jantar.

5 ½ Trevas que terminaram às 8. Da matriz fui à casa onde está o presidente e nasceu Maria Cândida <sup>158</sup> para ver passar a procissão. As longas caudas dos cônegos arrastando pela rua produziam um efeito majestoso. A princípio pareciam a sombra dos corpos. A noite está lindíssima. Conversei com o Quintiliano <sup>159</sup> enquanto aguardava a passagem da procissão. Ele lembra e procurou que se ensaiasse a indústria de cera de abelhas, cochilha, e bicho-da-seda.

**16 de abril de 1881 (sábado)** — Wanderborn <sup>160</sup> da mina da Passagem trouxe-me coleção curiosa de minerais desse e outros lugares. Recebi carta do Bom Retiro <sup>161</sup> ainda não escrita por ele com a data de 11 da Solidão <sup>162</sup>.

Tomei banho frio numa fonte no jardim deste palácio e li notícias científicas.

Às 9 Almoço.

Ofício às 10. Acabou às 2 h. Vim a casa e saí depois.

Aula de meninos regida pela professora Bicalho irmã do cônego <sup>163</sup>. Não me agradou. De outra a professora estava com licença. Aula de meninas. Professora e limpeza da sala embora muito estreita, como a da outra agradaram-me. Aula de latim agradou-me.

Fui até o alto onde se começa a construção da Igreja de S. Pedro, que pena é não acabarem pois é a mais bela externamente das de Mariana <sup>164</sup>. Bela vista. Bebi perto excelente água de um chafariz. Há uns poucos em Mariana.

Seminário. Muito bem arranjado. Reitor Cornagliotto — nome exato — o que pregou ontem. Gostei sobretudo do estudante Barroso de Latim. O Carlindo dos Santos de Caeté tem talento e não se saiu mal do latim. Compêndio de filosofia do Soriano <sup>165</sup>. Não gostei das respostas em geometria. O monsenhor da Santa Sé — cônego Pimenta é professor de história. Bem estudado hebraico e vi um cumprimento que ele escrevera nessa língua. Padre Cardito de Nápoles professor de Geografia aritmética e álgebra conhece o árabe. Esteve muitos anos na Terra Santa.

Na volta pouco antes das 7 jantei e recebi até 9. Vieram dois índios um velho que fala bem português e outro moço que apenas o entende. Noutro livrinho escrevi algumas palavras da língua deles, dos Nak-na-nuks aliás já bem conhecida.

**17 de abril de 1881 (domingo)** — 5 ¾. Acordei. Banho no jardim. 7 saí.

Casa de Câmara. Boa. Padrões métricos tratados com descuido.

Cadeia muito boa, mas com presos demais.

Enfermaria pestilencial pelo mau cheiro. Livros como sempre irregulares.

Voltando entrei na Igreja do Carmo. É grande e elegante. A de S. Francisco foi construída em 1753 na administração do 1º bispo.

Quarto de cama (?) de Mariana. Figuras pintadas nas paredes de Benedito XIV erigiu o Bispado de Mariana no ano de 1746.

Fr. Manuel da Cruz da ordem de S. Bernado [*sic*] 1º Bispo.

D. Joaquim Borges de Figueiroa 2º B.

D. Bartolomeu Manuel dos Prazeres <sup>166</sup> 3º B.

D. Domingos da Encarnação da Ordem dos Dominicos 4º B.

D. L. Cipriano de S. José da Ordem dos Menores 5º B.

A festa durou das 10 até pouco depois de 12 ½. Pregou o cônego Honório <sup>167</sup>. Pode fazer melhor sermão.

Voltei à casa e fui depois ver o estabelecimento das Irmãs de Caridade. O colégio tem 142 pensionistas e 58 pobres separadas umas das outras embora podendo comunicar-se. Muito asseio e ordem.

Hospital quase que unicamente para mulheres — 68 — que pareceram-me antes inválidas. Os edifícios são da mitra. Cada pensionista paga 20\$000 por mês.

Voltei à casa e às 3 fui à mina da Passagem <sup>168</sup>. Percorri a galeria e escavações durante uma hora. Agora só a tem esgotado por meio de bomba movida por água. É trabalhada desde 1713. A água tinha sido causa sobretudo da interrupção dos trabalhos. Acompanharam-me Patridge, Wenderborn e Monchot. Gostei muito do segundo. Esperam tirar

muito ouro do veeiro que vi bem. Estava de volta pouco depois de 5 ½.

Jantar. Conversa com o bispo que se encarregou de promover a construção da casa para as aulas primárias, com o padre Sipolis sobre o que tem visto em suas missões da natureza de Minas, referindo-me à existência de uma lagoa de quilômetros de circuito perto de Bambui que enche e decresce periodicamente, assim como de chamas que se observam no mesmo distrito elevar-se a bastante altura do sopé de uma montanha. Anda à procura do inseto hippocephalus de que só existe um no Brasil na coleção de Luís de Carvalho no Rio. Só se tem encontrado em Minas. Espera que o padre David venha estar aqui o tempo necessário para conhecer a província de Minas. Disse-me que usam de cortiça, que lhe parece mais leve que a do Carvalho, da qual fala St. Hilaire. Em certos distritos não compram cera pois criam abelhas, e que há amoreira selvagem. Enfim a conversa de Sipolis é muito interessante e seu ar extremamente simpático, recorda-me um pouco o padre Tosti, mesmo fisicamente.

Ainda conversei com monsenhor — Cônego Pimenta que falou-me muito sobre seus estudos de grego e hebraico. Animei-o a estudar árabe com o padre Cardito. Indiquei-lhe as obras de l'abbé Vigouroux e de Maspero que ele não conhecia. Quase que prometeu-me ir a Ouro Preto. O pai é de Congonhas do Campo — era primo do Pimenta que foi afinador de pianos em minha casa em 1830 e tantos. Ainda me lembro dele.

**18 de abril de 1881 (2a fa)** — Choveu muito de noite, mas estiou. São quase 6 h. Vou sair.

Cheguei à mina do Morro de Sta. Ana (de Maquiné) de que é manager por companhia de Londres Mr. Heilburt <sup>169</sup>. Vi primeiro a bomba hidráulica cujo motor é uma máquina de vapor de 30 cavalos. A bomba começou hoje a trabalhar regularmente. Os trabalhos de extração do minério (jacutinga) estão parados há 1 ½ ano por se ter desarranjado a enorme roda de ferro feita na Inglaterra na fábrica Hail, que, pela queda da água, movia a bomba de esgoto. Sobre a galeria em que estou há outra que se abandonou há 19. Esta é explorada de há 10. Anda-se perfeitamente pela galeria na extensão de 440m ou 220 br, e ainda há 100 e tantas cheias de água que se esgota à razão de 4 metros cúbicos por hora. Reparei bem para tudo e trago um pedaço de rocha de que se separa por bateia o ouro que tem dado 4 oitavas por tonelada, termo médio e apesar de muito friável ainda vai aos pilões. A mina da Passagem é de quartzito e vi um trabalhador separar facilmente o ouro, que logo pintou, na bateia. Esqueci-me de dizer que depois da visita da mina da Passagem fui medir com os olhos de um pequeno teso o abismo por onde corre o ribeirão <sup>170</sup>. Em Maquiné tem agora 300 e tantos trabalhadores quase todos escravos alugados. Já houve 600. O mechanical é um John Martins casado com brasileira como o é Heilburt que já está no Brasil há 25 anos tendo estado noutras minas e empregando-se ao chegar ao Brasil na casa Naylor.

Almoço às 9 ½. Segui às 10 ½. Belo caminho que domina um largo vale. A vista do Arraial de Antônio Pereira é muito risonha por causa de suas plantações verdejantes. Atravessei-o e cheguei à Lapa. Não tem nada de notável. Afearam-na com o pórtico, e o que construíram dentro para tornarem-na capela. Deviam aproveitar somente as pedras naturais. Corri o que pude da lapa. Para ver os outros três salões teria que passar quase de rastos dentro da água. Em 15 de agosto que é a romaria não há água na lapa.

Montei a cavalo às 12 h 40', mas parei em casa de Paula Castro que me estava esperando na mina que aliás nunca eu disse visitaria. Havia mesa posta, porém só bebi café com bolinhos mineiros.

As escavações da mina deram ao solo a aparência de ondas mais ou menos pontadas de mar de teatro, o que aumentava o pitoresco do aspecto do lugar do arraial. O coronel Pereira de Queluz veio a meu encontro tendo saído hoje de Ouro Preto quando eu seguia de lapa. É velho durinho.

O caminho tem vistas belíssimas até Ouro Preto. Sobe-se a alta serra de Antônio Pereira cujo arraial tarde se perde vista, avistando-se do lado do vale oposto ao do caminho a mina de Maquiné. Deu-se uma grande volta mais ou menos pela encosta das montanhas que bordam o vale. Por detrás do arraial de Antônio Pereira, mas a boa distância vê-se a montanha recortada do Frazão que se ladeou vindo de Catas-altas. Avistei pois mais longe para esse lado a serra do Caraça.

Cheguei ao palácio de Ouro Preto às 4 h. Estou tomando um meio banho apenas para melhor dormir. Nada me fatigou a jornadita. Em caminho vi bem Mariana em baixo iluminada pelo sol e antes descobriu-se o pico de Itabira do Campo. Desde que saí de Ouro Preto dei uma volta perfeita. Antes de chegar a esta cidade passei pela antiga Vila Rica <sup>171</sup> — muralhas arruinadas que lembram-me Pompéia. Dizem-me que povo quer esbordoar o repórter Je. Carlos de Carvalho <sup>172</sup> por atribuírem-lhe o que publicou a Revista Ilustrada a respeito das mulheres de Ouro Preto <sup>173</sup>. Vou indagar. Exigem que Carvalho deixe Ouro Preto.

Jantar depois das 5 ½. Ouvem-se vozearias do lado da casa do tenente-coronel Carlos de Andrade <sup>174</sup> onde Carvalho está hospedado. Andrade não quer que Carvalho saia porque [é] seu hóspede. Há receio de algum sucesso desagradável. Enfim Carvalho entrou pelos fundos do palácio. Nicolau <sup>175</sup> foi falar-lhe na sala de jantar. Resolveu-se sair de Ouro Preto. O Dr. Gesteira <sup>176</sup> deu-lhe sobrecasaca e Pedro Paiva <sup>177</sup> o chapéu e foi-se pelos fundos.

Tive visitas entre as quais Quintiliano e Vilaboim. O juiz de direito Guimarães <sup>178</sup> veio com as filhas que tocaram muito bem piano e a mais jovem uma valsa de sua composição. É a que vi na aula da rua do Pilar.

Na serra de Antônio Dias cai alguma chuva. Choveu aqui no princípio da noite.

Estudantes da Escola de Minas amigos de Carvalho foram em defesa dele e disseram-me que tinham levado pancadas. Desde mais de hora que nada se ouve. Tudo serenou.

São 8 ½. Vou deitar-me e ler até dormir.

O sobretudo ou sobrecasaca não foi do Dr. Gesteira, mas do Pedro Paiva. O Gesteira facilitou a saída pelo fundo do palácio.

**19 de abril de 1881 (terça-fa)** — 5 h Acordei. Banho frio. Leitura 8-10 ½ . Escola de Minas. Última lição de Gorceix. Falou da época quaternária. Começou pela Europa e sobretudo bacia do Sena, e depois tratou de Minas. O terreno da Ganga é quaternário. Não se observa deslocamento nele. Os rios sulcaram-no entrando as águas nas cavernas calcárias cujas fendas produzidas pela contração da camada calcária foram alargadas pelas águas. Os fósseis e ossos aí foram depositados por habitação dos animais, arrastamento pelas águas ou queda pelas fendas. Fez um cálculo de mais de 7 milhões de ossos que se teria acumulado na lapa da Cerca grande segundo os dados de Lund que à razão de 4 animais por dia exigiram 5.000 anos para seu depósito. Crê que há muito mais das 200 e tantas lapas. Diz que só o salão de entrada da lapa da Aldeia é que tinha sido explorada antes de eu lá ir e que encontrou na parte que se escavou então os diluvia da época quaternária devendo estar no fundo do terreno terciário sobre o qual se achariam fósseis. Foi na lapa da Varginha que Lund achou o crânio cuja antigüidade não quis Liais <sup>179</sup> discutir. Enumerou os principais fósseis encontrados por Lund

dando às cavernas que foram cheias durante a época quaternária no Brasil o nome de cavernas Lund. O terreno tem sofrido elevações e abaixamentos, cujos vestígios são as numerosas lagoas que se observam em Minas. Falou quase 2 horas, mas o assunto era demasiadamente vasto. Serviu-se muito na parte paleontológica da obra de Gaudry que devidamente elogio Enchainement etc. Depois assisti um pouco à lição de mecânica de Thiret <sup>180</sup>. Explica bem e o aluno Barbosa mostrou ter bastante talento matemático.

Almoço perto de 11. Houve de noite uma manifestação dirigida por três padres dos quais um Camilo de Brito <sup>181</sup> contra Gorceix porque supunha que asilara Carvalho em casa dele. Diziam — vamos varrer-lhe a casa e tratavam-no de maçom!

12 h — Aulas de freguesia de Antônio Dias. Estão as duas de meninas e de meninos em boas salas quase contíguas da mesma casa. Agradou-me mais a dos meninos, um mostrou saber mais doutrina religiosa do que em todas as outras aulas que tenho visitado. O professor é normalista.

Segui até o chafariz da ponte para ver a neta de Maria [sic] de Dirceu <sup>182</sup>, mulher do Carlos de Andrade <sup>183</sup>, que mora perto. Apareceu à janela. É elegante e graciosa, porém não beleza, tem ares de inteligente.

Relação onde só achei Quintiliano e o Secretário. Não é má casa. Ouvi que os empregados são bons. Quartel de linha com a companhia de cavalaria e o contingente do 7º de infantaria. Em mau estado e guardam nele cunhetes com pólvora! Assoalhos todos esburacados. Prisões solitárias mefíticas. A cavalaria é boa.

Vou ler. Jantar 4 h.

5 h fui à Igreja de S. Francisco de Paula sobretudo para mostrar a vista de Ouro Preto à imperatriz. Preguei uma cavilha num altar novo. Segui de lá para o Funil passando pelo Palácio. Era já escuro, mas a noite clara por causa das estrelas tornou poético o passeio ao reflexo nas águas que borbulhavam. A subida da cidade iluminada também era um belo espetáculo. Houve fogo de artifício e conversei com o desembargador Guimarães que...

**[desenho]** Vista da frente da casa do Caraça 12 de abril de 1881.

**[desenho]** Vista da frente da casa do Caraça 12 de abril de 1881.

**[desenho]** Caeté — Serra da Piedade 6 h da tarde de 10 de abril de 1881.

**[desenho]** Sta. Luzia.